



17  fórum das
escolas de moda



VISUALIDADES E IDENTIDADE CULTURAL: O TECIDO CHITA E O MOVIMENTO FEMINISTA CAMPONÊS DO MST

Visualities and cultural identity: the chita fabric and the feminist peasant movement

Santos, Francisca. R.M; Bacharelado; Universidade Federal do Ceará,
rebeccamendesufc@gmailcom
Mendes, Francisca. R. N; Doutorado; Universidade Federal do Ceará,
franciscamendes@ufc.br

Resumo: Este artigo busca investigar o uso do tecido chita nas lutas feministas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e como este se tornou símbolo de luta, representatividade visual e identidade cultural das ações promovidas pelas mulheres. A metodologia teve como base a análise documental e imagética da Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra 2023, a fim de compreender a importância da chita para a identidade do movimento feminista camponês e popular.

Palavras chave: Tecido Chita; Feminismo Camponês; Identidade Cultural.

Abstract: This article seeks to investigate the use of calico fabric in the feminist struggles of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), and how it became a symbol of struggle, visual representation and cultural identity of the actions promoted by women. The methodology was based on the documentary and imagery analysis of the 2023 National Day of Landless Women, in order to understand the importance of the cheetah for the identity of the peasant and popular feminist movement.

Keywords: Chita Fabric; Peasant Feminism; Cultural Identity.

Neste artigo buscou-se refletir sobre as relações que aproximam o tecido chita, objeto histórico cultural, e a identidade construída pela luta feminista de caráter camponês e popular no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. O MST é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil¹. Suas bases possuem um caráter classista, que adota o marxismo como orientação ideológica e se organiza a partir da luta de classes (LAZZARETTI, 2021, p.14).

Segundo a cientista política Lazzaretti (2021, p.14), as mulheres sempre estiveram ativas nas ações e lutas dentro do movimento, porém, foi a partir dos anos 2000, especialmente com a criação do Setor de Gênero, que o MST passou a se aproximando dos debates feministas e, desde 2010, alinhado aos demais movimentos que integram a Via Campesina, propõe a construção do feminismo camponês e popular como forma de representar as lutas historicamente travadas pelas mulheres do campo.

A partir deste contexto, o estudo apresentado neste artigo se encaminhou para pautar a relevância da construção de uma identidade cultural a partir da apresentação de composições visuais representadas pelo constante uso da chita na Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra de 2023, que aconteceu entre 06 e 08 de março, em 24 estados do Brasil, além de uma ação internacional na Zâmbia.

A pesquisa foi realizada com base na metodologia qualitativa, pois esse tipo de análise consegue enfatizar as especificidades de um fenômeno, em termos de suas origens e razão de ser (MINAYO, 2004). A partir disso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o feminismo camponês e popular, a fim de compreender suas origens e como ele vem sendo construído pelas mulheres que integram os movimentos sociais do campo. O processo de revisão bibliográfica foi então continuado para que fosse possível articular a trajetória do movimento feminista camponês e popular, com o uso

¹ <https://mst.org.br/quem-somos>. Acesso 25/04/2023

de representatividade dentro dos estudos sobre identidade cultural.

Na última etapa, foi realizada uma análise documental, método que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades e práticas (CELLARD, 2008). A análise foi feita a partir de fotografias oficiais da Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra de 2023 publicadas no site do MST, com a intenção de refletir, a partir de uma pesquisa imagética, sobre como foi tecida a relação entre o movimento feminista camponês popular com o tecido conhecido como chita, e como seu uso se tornou símbolo identitário do movimento.

O tecido chita e a construção de uma identidade cultural brasileira

Com diversas referências que remetem de forma simbólica uma identidade brasileira, a chita, tecido com origem vinculada à Índia Medieval, tem sua história ligada ao Brasil a partir dos processos de colonização pelas Grandes Navegações vindas da Europa, onde a disseminação desse tecido, originalmente conhecido como *Chint* em hîndi², que significa pinta ou mancha e caracteriza a estampa predominantemente floral, proporcionou diferentes interpretações e variações (SIMILI; BARBEIRO, 2017, p.113).

A chita que conhecemos hoje também teve influência de produções nativas das Américas, visto que alguns povos originários já teciam algodão, matéria-prima de todas as chitas, antes da colonização. “Eles o fiavam, teciam e tingiam com pau-brasil, anileira e outras plantas, para serem usados em redes e faixas” (SIMILI; BARBEIRO, 2017, p.113).

Nossas expressões culturais são frutos da miscigenação de vários povos que estruturam a identidade do Brasil que conhecemos. A partir dessa grande diversidade de festividades que têm a chita como grande referencial estético e simbólico, pode-se refletir sobre a importância desse tecido como parte icônica da identidade cultural

² Língua derivada do sânscrito.

negras se misturam sem o menor pudor ou cerimonia” (MELLAU; IMBROSI, 2005, p. 145).

O tecido se faz presente em celebrações religiosas como as festas juninas com seus vestidinhos rodados e coloridos de quadrilha feitos de chita e chitinha; em atos com origens folclóricas como o bumba-meu-boi maranhense e a Folia de Reis; nas festividades carnavalescas e celebrações com forte conteúdo social, político e também religioso, como o maracatu, que representa a permanência e resistência da cultura africana (SIMILI; BARBEIRO, 2017, p.119).

Para Maia (2009, p.104) “nossa identidade não é somente algo que nós recebemos; ela é ao mesmo tempo nosso próprio projeto”; e tratar sobre a temática da identidade cultural nacional significa reconhecer que se trata de uma problemática que lida com a percepção de um determinado grupo acerca de si mesmo e de sua história, refletido na sua forma de vida. A identidade cultural está associada a quem somos e a quem queremos ser, nos possibilitando decidir quais de nossas tradições queremos continuar e quais não queremos.

Dessa forma, optou-se por identificar a construção imagética da identidade cultural do movimento feminista do MST por meio das visualidades obtidas através de fotografias da Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra, ação promovida pelas mulheres do MST na semana em que se celebra o Dia da Mulher.

O feminismo Sem Terra é permeado pelas cores floridas dos panos de chita

O estudo produzido por Nicholas Mirzoeff (2016) aborda a compreensão da visualidade como uma prática discursiva para representar e regular o real, afirmando a importância dessas representações para além de estímulos visuais presentes ao nosso redor, sendo importante se atentar, também, às diferentes maneiras que nos relacionamos com esses elementos e como produzimos visualmente a realidade a partir de diversos estímulos. Mirzoeff (2016) aponta que a produção de visualidades corresponde a fazer os processos da história perceptíveis à autoridade. De forma, que

ola@grandesite.com.br

Ao pensar estratégias para criação de uma identidade coesa e representativa em meio a outros diversos movimentos sociais no Brasil, o MST, de forma alinhada à suas pautas, tornou a chita um objeto visualmente potente para o Movimento, assim como suas bandeiras, bonés e camisas vermelhas, colaborando assim, com a produção dessa visualidade que se tornou um dos signos mais representativos do movimento.

A chita, mesmo transitando por diversos espaços, nunca perdeu o simbolismo que carrega consigo: o de ser um tecido popular, no sentido mais literal da palavra. No Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) os ornamentos em chita fazem parte da identidade cultural e visual de todo o Movimento, e sua escolha para representar lutas sociais populares voltadas ao campo, é tão simbólica quanto o seu uso nas tradicionais festas de São João no Nordeste.

O processo de construção da identidade cultural que sustenta as bases políticas e sociais do MST é pautado na busca pela subversão da lógica imposta de que nem todos terão acesso à arte e à cultura. E foi nesse sentido, buscando uma forma própria de retratar a realidade dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, que o movimento trouxe a chita como representação imagética desse coletivo, por ter em sua existência um histórico de representatividade do povo trabalhador brasileiro, que festeja, luta e vislumbra tempos melhores.³

A estampa chita, como afirma Silva (2010), traz consigo aspectos representativos que conseguem afirmar conceitos, fazer verossimilhanças ou lutar contra tabus e conceitos pré-estabelecidos. A chita está na memória coletiva do povo brasileiro, e nada mais enfático do que escolher esse objeto histórico, com tamanha carga artística e cultural, para representar de forma visual, um movimento que luta em prol de uma proposta de vida em harmonia com a natureza. Para muito além da busca por moradia, o Movimento luta por uma produção de alimentos orgânicos, em cooperativa e sem exploração do trabalho, visando o viver bem em coletivo.

³ <https://mst.org.br/2017/08/30/cultura-sem-terra-uma-revolucao-que-transpoe-barreiras/>. Acesso em 19/04/2023.

propósito comum”. A essência da vida social, para o autor, e a ação coletiva, na qual a confiança e união a outras pessoas permitem que se indigne e que seja possível reagir às ameaças aos direitos. A partir disso, pode-se compreender a importância da articulação feminina dentro do MST, tendo em vista a existência de pautas essenciais voltadas às mulheres que necessitavam de voz e vez.

Na construção desse movimento feminista gerido pelas mulheres camponesas, assim como no MST - de forma geral -, as visualidades relacionadas a estética popular camponesa recorrem a elementos que buscam simbolizar a união e luta das mulheres do campo, representando de forma característica não só uma luta feminista genérica, mas a luta feminista das mulheres do MST, englobando os diversos tipos de feminismos necessários para articulação, defesa e desenvolvimento de pautas que representem essa mulher camponesa.

Figura 1: Jornada Nacional das Mulheres sem Terra – Aracaju, 2023.



Fonte: <https://mst.org.br/especiais/jornada-das-mulheres-sem-terra-2023/>

A articulação do movimento feminista dentro do MST é uma forma de enfrentamento direcionado, e também possui simbologias que remetem à identidade cultural geral do MST junto a particularidades que representam visualmente alguns movimentos feministas existentes na América Latina.

Carregados nas cabeças das mães de luto argentinas, ou expostos como documentos e testemunhos de horror e perda, os lençóis condensam as

diversos movimentos feministas na América Latina. No MST, o uso do lenço pelas mulheres atuantes na luta feminista camponesa é caracterizado pelas cores e flores da chita, tornando-se um dos principais objetos visuais na construção da identidade do movimento feminista camponês. A presença do lenço em estampa de chita marca visualmente as ações do movimento, fazendo parte da própria indumentária das mulheres, de forma a trazer unicidade e identificação entre elas.

Figura 2: Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra – Rio Grande do Norte, 2023.



Fonte: <https://mst.org.br/especiais/jornada-das-mulheres-sem-terra-2023/>

Em um artigo publicado em março de 2023 no site do MST, sobre a Jornada das Mulheres, Luiza Amanda e Mariana Castrosobre escrevem que os tradicionais lenços de chita representam a luta e coragem das Mulheres Sem Terra.⁴ Reafirmando a importância simbólica desse objeto e, principalmente, dessa estampa tão presente na construção identitária desse movimento feminista popular.

Figura 4: Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra – Rio Grande do Norte, 2023.



Fonte: <https://mst.org.br/especiais/jornada-das-mulheres-sem-terra-2023/>

Considerações finais

⁴ <https://mst.org.br/2023/03/12/jornada-das-mulheres-e-marcada-por-audiencias-de-reivindicacoes-ao-estado-e-ao-incra-no-ma/> . Acesso em 26/04/2023.

brasilidade, que trazem uma representatividade cultural e visual para a identidade do movimento feminista do MST. Seu uso nos lenços, faixas e estandartes empunhados pelas mulheres do movimento camponês na Jornada Nacional das Mulheres Sem Terra 2023, reforçam o sentimento de unicidade, de forma simbólica, porém, necessária na construção identitária de um grupo que se articula para valorização de pautas sociais coletivas.

Historicamente, esse tecido que se conhece como chita no Brasil, está entre os mais baratos disponíveis no mercado, e é comumente utilizado para fazer cortinas, toalhas de mesa e para vestir as camadas mais pobres da população, sendo esse, um dos motivos da sua fama de tecido popular. Seus usos em festividades culturais populares como o São João, o Carnaval e o Bumba-meu-boi, também reforçam seu caráter popular.

Na organização coletiva há espaço para a expressão individual, mas percebe-se que o uso de referências que demonstram ser parte de uma representação coletiva é um fator preponderante. Diante disso, é possível compreender que toda identidade é uma construção simbólica, que necessita de elementos construídos historicamente, tidos como representativos. O movimento feminista do MST, sendo esse espaço que desenvolve uma cultura de combate, e procura, através disso, gerar e fortalecer protagonistas da organização política se utiliza da chita como ferramenta visual pedagógica, fortalecendo o senso de pertencimento, união e representatividade cultural através das visualidades construídas pelo uso desse objeto histórico conhecido como chita.

É possível, também, afirmar que existe uma transnacionalidade dos repertórios que permeiam as lutas feministas que, a exemplo do lenço, que tem seu uso disseminado em outras articulações de diversos feministas presentes na América Latina, e que no movimento feminista camponês do MST aparece confeccionado em chita,



As diversas formas de comunicação e expressão do imaginário político também são formas de se construir alegorias sobre o mundo social que se almeja. Nesse sentido, as visualidades produzidas pelo movimento feminista camponês e popular, podem ser exploradas como uma forma de compreender as relações entre imagem, identidade, política e estética.

Referências

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

DIEGUEZ CABALLERO, Ileana. Encarnaciones poéticas. Cuerpo, arte y necropolítica. Athenea Digital, 18.1 (2018): 203-219).

JASPER, James M. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LAZZARETTI, VANESA. Resignificar para reconhecer: o feminismo camponês e popular no contexto do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST). Porto Alegre. 2021.

MAIA, Antônio Cavalcanti. Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e patriotismo constitucional, 2009. Disponível em:
<<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/> Acesso em: abr. 2023

MELLÃO, Renata; IMBROSI, Renato. Que chita bacana. São Paulo: Editora A Casa, Museu do Objeto brasileiro, 2005.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016. ISSN 1676-2592.

SILVA, Emanuela Francisca Ferreira. Estampa chita e cesura: Linguagem não-verbal e suas diversas interfaces comunicacionais, Revista Encontro de Vista, 5. ed., p. 96-107, 2010.

SIMILI, I. G.; BARBEIRO, P. Flores, cores e formas: o Brasil estampado de chita. Visualidades, Goiânia, v. 14, n. 2, 2017.